

AS PRINCIPAIS TESES DA METAFÍSICA TOMISTA:

Por Diogo Rafael Moreira

[caption id="attachment_28425" align="aligncenter" width="564"]

Rogier van der Weyden, São Jorge e o Dragão, c. 1432.jpg

A história humana é

o desenvolvimento no tempo e no espaço de todas as manifestações boas e más em que se desenvolve a vida do homem. Os protagonistas da história são o homem, o diabo e Deus. A salvação do homem se faz *na* história e não *pela* história, a única salvação é Cristo que assumiu os defeitos da humanidade para satisfazer por ela... O progressismo reduz a realidade humana a *uma única dimensão*, a uma dimensão profana e secular, na qual é absorvida a outra dimensão, a de Cristo e da Igreja. Ao fazer uma única dimensão do divino e do humano, o humano não pode ser salvo pelo divino, o homem não pode ser salvo por Cristo e pela Igreja. Eis o erro fatal do progressismo: *a autossalvação*. A antiga *gnosis* revestia esse erro de um caráter sagrado, as novas variantes são deliberadamente seculares. (na imagem: São Jorge e o Dragão de Rogier van der Weyden, ca. 1435)[/caption] São Tomás produziu uma *síntese inédita*, a culminação de todo o pensamento anterior e a mais grandiosa realização do pensamento cristão. Por um lado, São Tomás enfatizou a necessidade do acordo da verdade consigo mesma, ou seja, da ciência profana (filosofia) com a ciência sagrada (teologia), mas também afirmou que se deve distinguir seus domínios: a filosofia possui um método e objeto formal distinto do da teologia. As coisas que foram reveladas não podem ser demonstradas pela razão, porém elas não podem contradizer a mesma razão, pois um só é o Autor de ambas. Assim, a filosofia ajudará a teologia a elucidar os mistérios da fé, enquanto a filosofia será prevenida do erro pela teologia. As grandes teses da filosofia tomista se opõem radicalmente ao pensamento gnóstico, imanentista ou modernista. Embora elas não possam ser consideradas como a necessária expressão da verdade católica, *elas são as que melhor a expressaram e por isso mesmo têm merecido a aprovação cálida da Igreja*. [caption id="attachment_679" align="aligncenter" width="241"]Thomas Aquinas, unknown São Tomás de Aquino (1225-1274)[/caption] **I. O SER INTELIGÍVEL E OS PRIMEIROS PRINCÍPIOS.** O primeiro objeto conhecido pelo intelecto é o ser inteligível das coisas sensíveis, o primeiro de todos é o ente, sua existência, porque cada coisa é inicialmente conhecida enquanto está em ato, isto é, naquilo que ela se apresenta diante de nós aqui e agora. O ente então é o primeiro objeto do entendimento e o primeiro inteligível, assim como o som é o primeiro audível. Assim conhecido antes de estabelecer qualquer juízo e mesmo antes de distinguir-se o sujeito (eu) do objeto (mundo), nossa inteligência capta sua oposição ao não ser (nada), que se expressa pelo princípio de não contradição. A versão positiva deste mesmo princípio é o princípio de identidade, ao qual está subordinado outro princípio: o princípio da razão de ser. O princípio de razão de ser é aquele que afirma que *o que é tem sua razão em si, se existe por si; ou em outro, se existe por outro*. Esse princípio pede pela causa do ente e a resposta deve ser uma das quatro causas: eficiente, material, formal ou final. A esse princípio se ajunta o princípio de causalidade, segundo o qual todo o que chega a existência tem uma causa suficiente, ou seja, *todo ser contingente (não absoluto), ainda que seja eterno, tem necessidade de uma causa eficiente e, em última análise, de uma causa incausada*. Portanto, o realismo tomista não se funda sobre um postulado, mas sobre a apreensão intelectual do ser inteligível das coisas sensíveis, sobre a evidência desta proposição fundamental: Aquilo que o entendimento concebe por primeiro como conhecidíssimo e no qual todas as demais concepções se resolvem é o ser. **II. AS VIAS TOMISTAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS.** As cinco provas de São Tomás repousam sobre o princípio de causalidade. No mundo há seres que deixam de existir, há aqueles que tem uma vida temporária e homens que possuem uma sabedoria limitada, uma bondade muito restringida que tem sempre suas imperfeições, de modo que é necessário que haja sobre todos Aquele que é o Ser mesmo, a Vida, a Sabedoria e a Bondade mesma. De outra sorte, o mais teria saído do menos, o perfeito do imperfeito, o ser do nada. Essa

prova geral contém virtualmente todas as outras provas *a posteriori* da existência de Deus. O cume das cinco vias é o *Esse subsistens*, o mesmo ser que subsiste; as cinco vias não são senão arcos que remetem a esse fecho da abóbada. Todas elas remetem a um atributo divino: primeiro motor de corpos e espíritos, primeira causa eficiente, primeiro necessário, ser supremo, suprema inteligência que dirige tudo. Cada um desses atributos não pode senão pertencer Àquele que é o mesmo ser subsistente. **III. A TRANSCENDÊNCIA DO ESSE, O SER DOS ENTES.** O ser dos entes é o importante e originário da metafísica tomista e cristã. O *esse* é o constitutivo mesmo da essência divina, logo o *esse* não pode identificar-se com a essência criada e, por essa razão, deve ser uma atualidade nova acrescentada à essência criada e pelo qual ela existe. Posto que as coisas que existem são fundadas, o que as funda é o *esse*. Essências são possibilidades que somente podem entrar na realidade por meio dele. Por isso, o homem se refere propriamente ao mundo dos seres que encontra e não remete imediatamente ao mundo das essências. Mas o ser dos entes não é senão uma participação, ou imitação ou assimilação do *Esse subsistens*. Esse ser dos entes criados é comunicado às criaturas por via da *causalidade eficiente*, da *causalidade exemplar* e da *causalidade quase-formal*. Primeiro, o que faz que as coisas sejam não é a essência, mas o *esse* que lhes é comunicado por Deus, por via da causalidade eficiente, produzindo o *esse* das coisas, e através dele o ser e a coisa mesma. Assim, sendo Deus a causa eficiente, ele se distingue claramente da criatura e vice-versa. Deus não é a criatura, mas ele é o que a mantém na existência aqui e agora. Segundo, Deus comunica o ser por via de exemplaridade, isto é, tudo o que é criado é antes concebido na mente de Deus em todas as suas relações. Terceiro, Deus comunica o ser das coisas por via de quase-formalidade, porque o ser das criaturas procede do Ser Criador e, nesse sentido, existe uma participação das criaturas no ser de Deus. Mas diga-se quase-formal porque por mais íntima que seja essa relação, ela existe somente no sentido de que Deus é a fonte do ser das criaturas. **IV. O ESSE DA CRIAÇÃO.** Quanto mais universal o efeito, mais universal a causa. O efeito universalíssimo é o ser, logo a causa de tudo o que é no mundo deve ser propriamente Deus, e tal causação é propriamente uma criação, uma vez que produzir o ser absolutamente, não este ou aquele, é o que constitui a ação de criar. Logo, é manifesto que a criação é uma ação exclusiva de Deus. O *esse* da criação deve ser necessariamente múltiplo, distinto e desigual. São Tomás demonstra contra as filosofias pagãs que Deus quis muitas criaturas, pois como o seu fim era representar sua bondade, ele jamais o conseguiria fazer mediante uma só criatura, de modo que muitas criaturas são capazes de representar com diferentes formas e graus a bondade divina, donde o universo em seu conjunto produz uma imagem mais eloquente da bondade divina que uma única criatura por mais perfeita que fosse. **V. A CRIAÇÃO É ATO LIVRE DA INTELIGÊNCIA E VONTADE DO CRIADOR.** A criação não é unicamente efeito do poder de Deus, da causa eficiente, mas também da causa eficiente dirigida pela sabedoria do entendimento, pela causa exemplar. A causa exemplar dirige e dá forma à ação onipotente de Deus. **VI. A CRIAÇÃO DO HOMEM E OS PROBLEMAS ANTROPOLÓGICOS.** A alma não precede o corpo em existência, mas começa a existir com o corpo. Ela não é produzida senão por criação. **VII. O HOMEM, PELO DOM DA GRAÇA, PARTICIPA DA NATUREZA DIVINA.** O homem não é Deus por sua natureza criada e finita. O homem não é uma centelha divina, mas pode chegar a ser Deus *por adoção*, mediante *o dom divino da graça*. Pela graça há no homem algo sobrenatural que provém de Deus. Algo que ergue o homem para além de suas forças e exigências naturais e o coloca na ordem divina de amizade e comunicação com Deus, de modo que possa contemplar Deus face a face e amá-lo como ele ama a si mesmo. A graça é esse hábito infundido por Deus na alma humana que o inclina a conseguir o bem eterno e divino da glória. **CONCLUSÕES.** Sendo o Ser constitutivo de Deus, nele não há nada de negação, mentira ou maldade. As criaturas, porém, por terem sido tiradas do nada, têm *o nada no seu fundo mais íntimo e radical*, e nesse nada a mentira e a maldade. No entanto, a criatura, naquilo que é, é verdade e bondade vinda do Criador. O nada que existe nelas é apenas uma deficiência, ou melhor, *uma dependência contínua e total de seu ser com relação ao Criador*. Se a criatura quer por soberba libertar-se dessa dependência, então incorre no mal e no pecado. O mal provém da criatura não necessariamente, mas livremente. A criatura

CONTROVÉRSIA CATÓLICA

inteligente e livre pode fazer mal uso dos dons recebidos com independência do Criador. O *Nom Serviam* é o grito de rebelião do pecador contra as ordens divinas. A história humana é o desenvolvimento no tempo e no espaço de todas as manifestações boas e más em que se desenvolve a vida do homem. Os protagonistas da história são o homem, o diabo e Deus. A salvação do homem se faz na história e não pela história, a única salvação é Cristo que assumiu os defeitos da humanidade para satisfazer por ela. Se a salvação é Cristo e não o mundo, então existem duas dimensões radicalmente irreduzíveis: as coisas sagradas que se ordenam de maneira intrínseca e direta a Cristo e as coisas profanas que não se ordenam de maneira intrínseca e direta a Cristo. Essas duas dimensões irreduzíveis são, no entanto, harmonizáveis, porque as coisas profanas e seculares devem estar também, não por ordenação intrínseca e direta, *fine operis*, mas por uma referência do sujeito operante - *fine operantis* - ao serviço de Cristo (cf. 1Cor 10,31). Por conseguinte, o Cristianismo implica necessariamente Cristandade. E isso em virtude do papel subordinado que as coisas profanas e seculares tem de ter com relação às coisas de Cristo e da Igreja. Essas relações devem operar num mundo que queira harmonizar-se com Cristo. Mas como todas as coisas que dependem da vontade humana podem deixar de verificar-se, produz-se então o Anticristianismo e a Anticristandade. Se a Igreja não cristaniza o mundo, então o mundo, por assim dizer, seculariza a Igreja. Esse é o erro do progressismo. O progressismo reduz a realidade humana a uma única dimensão, a uma dimensão profana e secular, na qual é absorvida a outra dimensão, a de Cristo e da Igreja. Ao fazer uma única dimensão do divino e do humano, o humano não pode ser salvo pelo divino, o homem não pode ser salvo por Cristo e pela Igreja. Eis o erro fatal do progressismo: a autosalvação. A antiga *gnosis* revestia esse erro de um caráter sagrado, as novas variantes são deliberadamente seculares.

Resumo do capítulo Culminación en Santo Tomás de la metafísica cristiana. In: MEINVIELLE, Julio. [De la Cábalá al Progressismo](#). Salta: Calchquí, 1970, p. 201-211.